

O USO DA RUA NA ÁREA CENTRAL DE DOURADOS-MS: UMA ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS

STREET USE IN CENTRAL AREA OF DOURADOS-MS: AN ANALYSIS OF CHANGES AND MAINTENANCE

Elaine Cristina Musculini¹

Maria José Martinelli Silva Calixto²

RESUMO: O presente texto busca trazer uma contribuição pra a reflexão acerca das transformações e permanências nas/das ruas da área central de Dourados-MS. Para tal, partiu-se de leituras pertinentes ao tema, de variados autores que retratam a cidade, as ruas, a área central, os diversos usos e suas mudanças no decorrer do tempo. Além do arcabouço teórico, o trabalho de campo foi bastante utilizado: entrevistas, observações na/da área central, análise de imagens/fotos antigas comparadas com as atuais. Percebemos que com o advento de novas tecnologias e os meios de transporte surgem novas características nas/das ruas, bem como novas tendências, rearranjos e resignificações. Porém, apesar das mudanças nas formas de uso, ainda existem as permanências/resistências. Nas ruas da área central de Dourados-MS existem determinados pontos/locais que não seguiram a dinâmica da produção espacial, ditada pela lógica da velocidade e da globalização. A rua é resultado de uma lógica mais ampla (a lógica do consumo, da modernidade, do mercado, do capital, das pressões econômicas e sociais), mas também é produzida a partir do viver, do fazer cotidiano. Se a rua é o local da passagem, também, e, ao mesmo tempo, é o local do encontro, da troca; o local em que a vida cotidiana se faz; o local em que vemos e somos vistos. Sendo assim, apreender as várias facetas da rua, significa considerá-la como local de transformação da/na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Rua; Área Central; Lugar; Usos.

ABSTRACT: This text seeks to make a contribution to the reflection on the changes and continuities of / on the streets of the central area of Dourados-MS. To this end, broke relevant to the topic, the authors varied readings that depict the city, the streets, the central area, the various uses and their changes over time. In addition to the theoretical framework, the fieldwork was widely used: interviews, observations on / from the central area, image analysis / old photos compared with today. We realized that with the advent of new technologies and means of transport are new features of / on the streets as well as new trends, rearrangements and resignifications. However, despite changes in the forms of use, there are still the stays / resistances. In the streets of the central area of Dourados-MS there are certain spots / places we have not followed the dynamics of spatial production, dictated by the logic of speed and globalization. The street is a result of a broader logic (the logic of consumption, modernity, market, capital, economic and social pressures), but is also produced from the live of daily tasks. If the street is the site of passage, too, and at the same time, it is the meeting place, the exchange; the place where everyday life is done; the place

¹ Mestre em Geografia - Assistente em Administração da Universidade Federal da Grande Dourados. elainemusculini@hotmail.com.

² Professora Pós-Doutora da Universidade Federal da Grande Dourados. mjmartinelli@yahoo.com.br.

where we see and are seen. So, seize the many facets of the street means consider it as a place of transformation / in the city.

KEY WORDS: Street; Central Area; Place; 4) Use.

INTRODUÇÃO

Este texto é parte integrante de nossa Dissertação de Mestrado, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Dourados – UFGD. Visamos oferecer uma contribuição para o entendimento sobre as transformações e permanências nas formas de uso da rua, tomando como objeto de análise a área central de Dourados-MS.

Inicialmente vale destacar a importância em se considerar a dinâmica que envolve e diversifica o espaço urbano: os fatores sociais, econômicos e culturais. Existe uma interação desses fatores, que não nos permite mais aceitar explicações e ou soluções prontas “para os problemas das cidades, quando se objetiva estudar a paisagem somente como agente passivo, estático segmentado”. (FERREIRA, 2002, p. 78)

No mesmo sentido, Carlos (2001) aponta que o processo de reprodução espacial se realiza na articulação de três níveis, sendo eles: o político, o econômico e o social, que são articulados pela mediação do Estado.

Carlos (2009) ao discorrer sobre a paisagem urbana faz-nos pensar sobre o que nos cerca quando caminhamos pelas ruas. Inicialmente visualizamos o instantâneo. O que nos é perceptível é o concreto, ou seja, as casas, os prédios, o asfalto e todos os símbolos do urbano – semáforos, placas, dentre outros. Contudo, se analisarmos mais detalhadamente a nossa própria memória, lembraremos que existe “o boteco da esquina, a padaria, o supermercado, a vendinha, o clube, [...], etc”. (p. 35). Além disso, notaremos que essas construções datam de tempos diferentes. Ainda de acordo com Carlos (2009), “a dimensão de vários tempos está impregnada na paisagem da cidade”. (p. 35)

No que diz respeito às ruas da área central de Dourados-MS, percebemos a existência de prédios com sua arquitetura antiga e que estão “escondidos” pelas fachadas, com luzes e cores que representam a nova tendência do comércio, do consumo, da modernidade. O velho e o novo convivem nessa dinâmica.

Desde o início da pesquisa indagávamos sobre como os novos usos estabelecidos das/nas ruas da área central modificavam, também, as relações e funções dos lugares. Além das transformações, questionávamos a coexistência de usos/relações.

Para todos os questionamentos e objetivos propostos, no intuito de perceber, refletir sobre, bem como de apontar as transformações das/nas ruas da área central de Dourados-MS, bem como os novos usos e relações estabelecidos, partimos para um trabalho de campo que nos possibilitou enxergar não apenas as imagens instantâneas que as cidades nos perpassam, mas também vislumbramos as novas funções dos lugares.

Necessário enfatizar que não observamos apenas modificações da/na área central de Dourados, mas as permanências: o pipoqueiro, as festas, os desfiles, os estabelecimentos comerciais mais antigos da cidade. O trabalho de campo nos proporcionou, também, visualizar tais resistências que coexistem com tantas transformações.

Além do trabalho de campo, utilizamo-nos também de entrevistas com moradores antigos da área central de Dourados, bem como com historiadores que trabalham temáticas análogas ao tema proposto para a pesquisa. Tudo isto alinhado a consultas à bibliografia pertinente ao tema.

A MUDANÇA DO USO DAS/NAS RUAS E AS NOVAS RELAÇÕES/FUNÇÕES ESTABELECIDAS

As transformações ocorridas na cidade são notáveis, mas não andamos diariamente pelas ruas refletindo sobre como estão se dando as modificações no espaço no decorrer do tempo. E é quando paramos para analisar mais detalhadamente que percebemos a mudança nos usos e as novas relações estabelecidas.

A acumulação de tempos se manifesta por meio da forma, espaço e história, que estão intrinsecamente ligados. É “uma linguagem da História que reflete diferentes momentos da evolução da sociedade” (FERREIRA, 2002, p. 80).

No mesmo sentido, Matta (1997) observa que o tempo e o espaço constroem e, ao mesmo tempo, são construídos pela sociedade. Deixando claro que não há sistema social que não vislumbre uma noção de tempo e de espaço.

O recuo no tempo nos faz perceber que em cada época, em cada momento histórico, a relação lugar/sujeito se redefine. Assim, a dimensão histórica é importante para o entendimento da natureza da cidade – no caso em questão, de Dourados. Essa natureza não é algo definitivo, não está pronto e acabado, “pois as formas que a cidade assume ganham dinamismo ao longo do processo histórico. A cidade tem uma história.” (CARLOS, 2009, p. 57). E em cada etapa do processo histórico, a cidade assume formas, características e funções diferenciadas.

A formação do núcleo urbano de Dourados data do ano de 1909, quando houve a disputa pela posse de uma mesma gleba de terra, entre dois fazendeiros: Marcelino Pires e Joaquim Teixeira Alves. Mas, apenas em 1915, é que é efetivado o início do povoado, com construção das primeiras casas do aglomerado, por Januário Pereira de Araujo, no local onde hoje é o cruzamento da Avenida Marcelino Pires com a Rua João Rosa Góes.

No processo de pesquisa, um dos entrevistados³ apontou que, quando a cidade era menor, o comércio e a casa eram no mesmo local, onde trabalhava a família – o marido, a esposa e os filhos. Assim, apesar do núcleo da cidade ser caracteristicamente pequeno, existia um comércio, que, muitas vezes, se confundia com as casas. A família morava e trabalhava no mesmo local: “[...] era o comércio na frente de casa, e só o marido, a mulher e os filhos que trabalhavam nele. Tinha farmácia, bar, mercearia. Quando eu me mudei pra cidade, vim trabalhar nessa casa comercial que tinha na esquina ali.”⁴

Havia poucos carros, as ruas não eram asfaltadas, o meio de locomoção mais utilizado era o cavalo e a carroça. Havia uma familiaridade das pessoas com o lugar, com a vizinhança, com o cotidiano simples, porém, pitoresco.

³Trecho da entrevista realizada em março/2012 com Garibaldi Mattos, 88 anos, morador da área central de Dourados.

⁴ Trecho de entrevista realizada em março/2012 com Garibaldi Mattos. A esquina que o mesmo se refere é o cruzamento da Avenida Marcelino Pires com a Rua Firmino Vieira de Mattos.

De acordo com o entrevistado, as crianças brincavam nas ruas, as pessoas sentavam-se em frente suas casas comerciais, conheciam-se, conversavam. Havia relações de vizinhança e o lazer era comumente ir até o Clube Social de Dourados ou participar de alguma festividade da igreja. As pessoas animavam-se com o desfile do feriado de sete de setembro e com a chegada de algum circo ou teatro itinerante.

Nas palavras de outra entrevistada, fica claro que Dourados tinha uma vida social bastante pacata, mas as pessoas viviam-na, esperavam-na: “Era uma festa cada vez que tinha desfile de sete de setembro. A meninada esperava o ano todo pra colocar uma fardinha e ir desfilando. Meus meninos adoravam, e olha que nessa época nem tinha asfalto na Avenida Marcelino Pires”.⁵

As entrevistas realizadas revelaram duas formas de observar/sentir o lugar. A princípio todos achavam interessante o fato de estarem sendo construídas as edificações que abrigariam serviços que até então não tinham, ou a chegada do asfalto que possibilitaria uma locomoção mais acessível. Porém, há o fato de que com essas modificações na área, eram alteradas também as relações de vizinhança, de convívio, de tranquilidade até então correlacionadas ao lugar.

Essas modificações na área central, para além da construção de novos prédios e alterações na vizinhança, se deram também com relação aos meios de locomoção. Os meios de transporte, conforme aponta Carlos (2007), passam a ditar o ritmo, impossibilitando antigos usos.

Assim foi se dando a mudança do uso das/nas ruas da área central da cidade de Dourados. De um momento em que havia apenas charretes e algum veículo e as pessoas moravam e usavam a rua para o lazer, passamos para um momento em que as ruas são tomadas pelos carros e pelo anseio da agilidade, da rapidez e da eficiência. Nas vezes que saímos a campo, muitas pessoas que abordávamos diziam que não poderiam nos dar atenção, pela falta de tempo ou porque estavam com pressa.

⁵ Trecho de entrevista realizada em abril/2012 com Maria de Fátima, moradora da área central de Dourados/MS.

A área central da cidade era, também, o local das residências, do comércio, do campo de futebol, das festividades, dos eventos religiosos, enfim, toda a vida política, social e cultural da cidade se concentrava ali.

Este cenário permanece na cidade até meados dos anos 1960 e início dos anos 1970, quando o poder público local passa a ter importante papel no processo de produção do espaço urbano.

Para Calixto (2004):

A década de 1970 marcou o delineamento da passagem de uma cidade em que praticamente todos os habitantes se conheciam, compartilhavam momentos e ocasiões comuns, seja colocando as cadeiras nas calçadas para 'bater papo', seja participando de atividades comemorativas ou festas tradicionais (festa da padroeira, festa junina), para uma cidade marcada pela diferenciação socioespacial, pelo distanciamento e pelas relações indiretas, uma vez que as novas formas de apropriação e consumo do espaço urbano (re)definem conceitos, valores, modos de vida, trazendo reflexos não apenas no modo de morar, mas também de agir, pensar, reivindicar, enfim, no modo de pensar o espaço. (p. 21)

De acordo com essa mesma autora:

A partir da década de 1970, o poder público local assume importante papel no processo de produção, apropriação e consumo do espaço urbano, possibilitando novas formas de atuação de determinados segmentos sociais, fazendo com que a partir desse período, o processo de expansão territorial urbano assumisse um caráter significativamente diferenciado de momentos anteriores. (2004, p. 170)

A década de 1970 pode ser considerada o marco que delimita o antes e o depois. A cidade passa por transformações, as quais vão modificar significativamente as ruas do centro urbano, bem como seus usos. É no decorrer dos anos 1970 que o centro urbano de Dourados passa a ser definido como o lócus do comércio, dos serviços – não exclusivamente – porém intensificando-se, de forma gradativa. Ainda de acordo com Calixto (2004):

O centro urbano de Dourados concentra maior número de lojas (ainda que populares), restaurantes, escritórios, agências bancárias, assim como de empregos, principalmente da parcela da população que exerce atividades ligadas ao setor terciário. (p. 180-181)

Para Santos (1988), importante se faz analisar a estrutura espaço-temporal nos estudos urbanos, uma vez que o espaço

[...] resulta da ação de fatores externos e de fatores internos. Uma nova estrada, a chegada de novos capitais ou a imposição de novas regras (preço, moeda, impostos, etc.), levam mudanças espaciais do mesmo modo que a evolução “normal” das próprias estruturas, isto é, sua evolução interna, conduz igualmente a uma evolução. (p. 16)

Essa paisagem dinâmica que percebemos na cidade existe a partir de uma lógica, também ideológica

“[...] onde as formas reproduzem as contradições, as lutas entre grupos sociais com interesses conflitantes e, conseqüentemente, torna-se o resultado de um processo de mudanças, de acordo com as novas necessidades de reprodução do capital, refletindo as várias etapas no arranjo espacial da sociedade”. (FERREIRA, 2002, p. 80)

No mesmo sentido, Calixto (2004) aponta que a análise não deve restringir-se ao aspecto econômico, uma vez que a realidade também está vinculada a uma experiência simbólica, tornando-se necessária “uma discussão acerca do papel desempenhado pela ideologia na determinação dos processos socioespaciais” (p. 161).

Ferreira (2002) aponta que é por meio do estudo das relações socioespaciais no tempo, que se fornecem meios para entender o processo de urbanização. Para ele, a rua revela

[...] um modo de viver, de pensar e de sentir das pessoas, produzindo ideias, valores, costumes, conhecimentos, tem sua imagem impregnada de memórias e significações que se materializam na paisagem urbana e reproduzem diversos momentos do processo de produção espacial. (2002, p. 81)

Chiavari e Carvalho *apud* Ferreira (2002) destacam ainda que:

O presente e passado convivem, criando nas contínuas e diversas aproximações e justaposições, uma nova linguagem, extremamente articulada. Ao percorrer uma cidade [e suas ruas] se tem a percepção visual do fluir do tempo. O olhar reconhece nas coisas, nas imagens, nas construções, nas ordens e nas medidas do espaço, a sua função. Todas as cidades tem seu código, uma vez conhecido um, em qualquer outro espaço urbano o forasteiro encontrará fragmentos de sua história. (p. 81- 82)

Além das transformações oriundas das iniciativas do poder público, dos fatores econômicos e políticos, é necessário analisar a subjetividade nos estudos urbanos. Daí a importância da reflexão acerca do espaço não como um mero local ou área, mas como lugar, em que as pessoas se identificam e sintam que fazem parte dele.

As ruas da área central da cidade concentram uma gama de atividades comerciais, de serviços, como também de circulação de pessoas. Conforme aponta Ferreira (2002), esta área é a que concentra maior importância, bem como é “o foco de maior atração” (p. 82). A importância da área central se dá, principalmente, pelo fato de abarcar vários tipos de funções e usos, conforme já expresso: comércios, serviços, residências, etc. Consequência dessas funções é a atração das pessoas, que se dirigem ao centro por diversos motivos, seja para o consumo, seja para a utilização de serviços (de saúde, bancários, dentre outros), seja apenas a passagem (pessoas se deslocando para o local de trabalho ou para as escolas, etc.).

O centro comercial é considerado o motor da vida cotidiana e apresenta-se como a principal área da cidade, no que concerne à aglomeração de atividades comerciais, serviços, finanças, transportes, fluxo de pessoas e de informações, como também é o ambiente onde os “atores da cidade encontram-se para consumir suas necessidades”. (FERREIRA, 2002, p. 83)

Este mesmo autor observa ainda que

[...] o núcleo central da cidade é um produto histórico, que materializa as transformações das fases de estruturação econômica, social e política do território. É considerado o coração da aglomeração. Estão aí concentrados a vida de trabalho, lazer e também a moradia”. (FERREIRA, 2002, p. 83)

Nas ruas do centro, os símbolos da modernidade, do progresso, estão mais presentes. Onde os objetos são urbanisticamente mais harmoniosos, porém estão fadados a uma rotina diária de pouco caso, haja vista que as pessoas quase não percebem esses lugares. Foi possível constatar isso em algumas ocasiões em que saímos a campo. As pessoas nas ruas, quando questionadas sobre como visualizam a rua e as transformações ocorridas, respondiam que isso era algo que nunca haviam pensado.

Podemos pensar também outros aspectos da cidade, como, por exemplo, o movimento constante de pessoas, o fluxo dos carros, configurando o ritmo da vida. Essa dinâmica não é só produto da história como também reproduz a história, a concepção que o homem tem e teve do morar, do habitar, do trabalhar, do comer e do beber, enfim, do viver. (CARLOS, 2009, p. 38)

A cidade vai se transformando à medida que a sociedade como um todo se modifica.

O desenvolvimento das forças produtivas produz mudanças constantes e com essas a modificação do espaço urbano. Essas mudanças são hoje cada vez mais rápidas e profundas, gerando novas formas de configuração espacial, novo ritmo de vida, novo relacionamento entre as pessoas, novos valores. O espaço tem cada vez mais a dimensão do mundial e as relações entre os homens dependem cada vez mais de decisões tomadas a milhares de quilômetros de seu local de residência. As comunicações se desenvolvem e com ela a frequência dos contatos. O fator distância é eliminado pelo desenvolvimento dos jatos, dos satélites e da informática. Esses fatos abrem novas perspectivas para se pensar hoje a cidade. (CARLOS, 2009, p. 69)

Ainda para Carlos (2001), cada lugar se autoconstrói ao longo da história, coexistindo, nos lugares, vários “tempos”. Para ela, passado e presente se entrecruzam em determinados momentos, revelando as possibilidades e os limites do uso do espaço pelo habitante.

O uso revela a relação espaço/tempo a partir da maneira como o habitante vive a cidade, bem como da percepção que tem dos lugares da constituição da vida. As transformações na paisagem urbana ocorrem pela necessidade da reprodução do espaço como condição e produto da reprodução ampliada da sociedade.

Carlos (2001) referendando Roncayolo, diz que a forma não pode ser definida fora de seus componentes da sociedade, ou seja, a forma tem relação com a história. Essas mesmas formas “constituem quadros de referência da ação e delimitam, impedem, permitem o uso”. (CARLOS, 2001, p. 47)

Ainda em consonância com Roncayolo, Carlos (2001) observa que as mudanças no uso comandam a vida, e esse uso não muda de um dia para o outro. Nessa relação espaço-tempo está apoiada a memória:

[...] essa memória subjetiva, durável: a dos homens que construíram lugares, desenvolveram estabelecimentos, apresentando um valor, uma tonalidade, um sentido. Verdadeira linguagem urbana que, em certa medida, comporta também suas temporalidades e suas redes. (p. 48-49)

Diferentes tempos e diferentes formas coexistem dentro da cidade, assim como também se inter-relacionam. Os diversos planos da realidade articulam-se produzindo o lugar a partir da vida cotidiana e dos modos de

apropriação, uso e ocupação de determinados locais, em determinados momentos.

Conforme já sinalizado, as mudanças ocorridas nas ruas da área central da cidade de Dourados alteraram de forma significativa o conteúdo e o ordenamento espacial da cidade, apontando um novo padrão urbano.

São diversas as mudanças que atualmente sinalizam a tendência de alteração do padrão de urbanização local. Inicialmente verifica-se uma profunda transformação em um dos principais pilares de sustentação do anterior modelo de urbanização douradense, fortemente alicerçado e financiado por um conjunto de poderosas agências estatais. Com o avanço do processo de reestruturação econômica e a simultânea crise do Estado desenvolvimentista desintegraram-se as principais instituições estatais responsáveis pela provisão dos mais fundamentais serviços e equipamentos urbanos que, bem ou mal, sustentaram, até o final da década de 80, o processo de acelerado crescimento do espaço urbano de Dourados. (SILVA, 2000, p. 187)

Dourados, nos anos 1950 e 1960, possuía um ritmo e forma totalmente diferente do que passa a viver nos anos 1970. Essas mudanças vão se intensificando nos anos 1980, transformando consideravelmente os usos nas e das ruas.

A partir dos anos de 1990 emerge um novo padrão de produção socioespacial em Dourados, destacando-se o papel dos agentes privados na produção do espaço urbano. As mudanças desencadeadas pelo processo de agroindustrialização determinam, dentre outros, o surgimento de atividades tais como serviços veterinários, mecânicos, jurídicos, financeiros. De acordo com Santos (1996):

As cidades locais tendem a mudar de conteúdo. Antes, eram as cidades dos notáveis, hoje se transformam em cidades econômicas. A cidade dos notáveis, onde as personalidades notáveis eram o padre, o tabelião, a professora primária, o juiz, o promotor, o telegrafista, cede lugar à cidade econômica, onde são imprescindíveis o agrônomo (que antes vivia nas capitais), o veterinário, o bancário, o piloto agrícola, o especialista em adubos, o responsável pelos comércios especializados. (p. 51)

O momento era marcado pela necessidade de tornar a cidade atrativa para novos investidores. Conforme destaca Silva (2000), “o poder público volta-se para criar dispositivos e incentivos que atraiam empreendimentos e promovam a dinamização da economia da cidade”. (p. 189)

Introduzem-se novos hábitos e novas práticas, ditadas pela ordem da sociedade do consumo, da agilidade, da dinamização dos fluxos, da “modernização” dos lugares, da busca incessante pelo novo.

Para Silva (2000):

Essas novas circunstâncias terminaram enfim por redefinir o papel desempenhado pela cidade, que se transformou, de local de comercialização e beneficiamento rudimentar da produção dos colonos, em centro prestador de serviços diversificados, visando ao atendimento das demandas da agricultura tecnificada e do novo contingente de classe média que a cidade acolheu. (p. 195)

Passamos a identificar novas formas urbanas. Surgem novas características e tendências e, junto com elas, surgiram também, novas centralidades. Percebemos facilmente a concentração de comércio e/ou serviços em determinados pontos do centro urbano de Dourados. O caso mais perceptível, que se encontra em constante expansão é o do setor de saúde.

Conforme aponta Silva (2000):

Até o final dos anos 70, havia em Dourados um único centro que concentrava as atividades de comércio e os serviços em um trecho da avenida Marcelino Pires e suas transversais situadas nas proximidades da praça Antonio João. No entanto, a partir da década de 80, e com mais intensidade nos anos 90, verificou-se o início da transferência de atividades terciárias tipicamente centrais para áreas do espaço urbano, configurando um processo de produção embrionária de novas centralidades na cidade. (p.206)

Ainda de acordo com Silva (2000), nos anos 1990 verifica-se centralidades bem determinadas, como por exemplo, no trecho da Rua Oliveira Marques, compreendido entre as Ruas João Cândido da Câmara e João Rosa Góes, onde encontravam-se, geralmente, lojas franqueadas que comercializam grifes da moda. Já na Rua João Rosa Góes, entre as ruas Major Capilé e Ponta Porã, aglomeram-se serviços da área da saúde, como hospitais, clínicas especializadas, laboratórios e consultórios, como, por exemplo, o Hospital do Coração, Hospital Santa Rita, Clinicamente Saudável, Laboratório Nossa Senhora Aparecida, CDM (Centro Diagnóstico Médico), dentre outros.

Dialogando com Cordeiro e Sposito (1980 e 1991), tais áreas podem ser consideradas como um desdobramento da área central. Para Sposito (1991) as áreas de desdobramento do centro principal

[...] caracterizam-se pela localização de atividades tipicamente centrais mas de forma especializada. Ou seja, nelas não se reproduz a alocação de todas as atividades tradicionalmente centrais, mas selecionadamente de algumas destas. Daí, a caracterização do processo como de desdobramento da centralidade (ao invés de reprodução da localização das atividades centrais em menor escala, como o que se observa nos subcentros), como se o centro se multiplicasse, desdobrando-se especializadamente em outros eixos da estrutura urbana. (1991, p. 11)

As áreas de desdobramento, além de se caracterizarem por apresentar uma especialização funcional, também se distinguem por exprimir uma diferenciação social, isto é, são locais que concentram atividades comerciais e de serviços, destinadas a uma clientela exclusiva. Ou seja, essas áreas apresentam uma centralidade estratificada socioeconomicamente.

Entre final dos anos 1990 e até os dias atuais, as lojas de grifes tem procurado se estabelecer na Avenida Weimar Gonçalves Torres. Algumas lojas que antes tinham endereço na área da Rua Oliveira Marques, hoje concentram-se na referida Avenida que, gradativamente, vem se transformando no eixo das lojas de grifes, voltadas para um público específico.

Nesse sentido, há uma nova redefinição do uso das ruas nessa área. Percebemos, também, usos diferenciados: na Avenida Marcelino Pires temos o comércio popular e, na Avenida Weimar Gonçalves Torres, conforme já dito, o comércio mais especializado (lojas de grifes). O que nos chamou atenção, inclusive, foi a configuração e o uso das calçadas nessas duas avenidas. Na primeira, as calçadas são utilizadas pelos lojistas que nelas colocam bancas de mercadorias, já na segunda, as calçadas possuem aspecto diferente, com decoração e livres para passagem dos pedestres.

No eixo da Rua João Rosa Góes, há a intensificação dos serviços da saúde. Esta área era, anteriormente, lugar de residências, que hoje estão sendo vendidas ou alugadas para abrigar clínicas, consultórios e laboratórios médicos. É comum, inclusive, andarmos por esse local e encontrar muitas casas a venda, ou disponível para a locação. Em um dos levantamentos de campo, conversamos com uma senhora que ainda reside no local, entre dois consultórios médicos e a mesma nos informou que quando mudou-se para lá:

[...] não havia outra coisa que não fosse casa. Tinha a Dona Fátima aqui (lado direito) e o Senhor Olívio ali (lado esquerdo), mas eles

foram ficando estressados com tanto barulho e movimento, os filhos decidiram vender a casa e irem morar em outro canto. Eu ainda estou aqui porque não consegui vender, mas se conseguir quero ir pra algum lugar mais sossegado. Um dia essa rua já foi meu lugar, não é mais.⁶

Percebemos que a entrevistada demonstra certo estranhamento com o lugar que um dia considerou como seu. Hoje ela pensa em viver longe dali, pois o lugar tornou-se o “não lugar” para ela. Ainda de acordo com o depoimento, a rua foi ficando cada vez mais movimentada, impossível de se ter uma noite tranquila de sono ou mesmo estacionar o carro em frente de casa. Os vizinhos hoje em dia costumam ser as clínicas ou laboratórios médicos. Já não há mais o convívio que antes existia.

Entramos aqui na questão da centralidade criada. Na área acima destacada – eixo da Rua João Rosa Góes entre a Rua Ponta Porã e a Rua Major Capilé, percebemos claramente essa dinâmica. O processo de redefinição tende a “expulsar” residências, transformando-as em comércios e/ou serviços. É o que ocorre nessa área, e em outras do centro da cidade. Como o processo não é homogêneo, ainda existe pessoas que continuam morando nessas áreas, até mesmo porque morar próximo ao centro constitui uma opção interessante. Conforme um entrevistado: “Morar no centro é muito bom, eu tenho um mercado logo ali, uma lotérica pertinho, bancos, tudo, não preciso ir longe e nem usar carro pra fazer as coisas. Até hospital tenho perto.”⁷

Em Dourados também podemos observar três processos paralelos, conforme apontado por Sposito (1991), nas áreas próximas e ao redor do centro urbano. Um deles seria as construções que antes eram utilizadas para fins residenciais de padrão médio e/ou alto que passam a ser ocupadas por comércio e serviços, “num claro processo de expansão da área central” (p. 9). Outro processo seria de parte dessas construções – residenciais – menores ou mais antigas estarem sendo demolidas para construção de novos empreendimentos. E por último, também ocorre o processo de “expansão das

⁶Trecho da entrevista realizada em julho/2011 com Maria de Nazaré, 74 anos, moradora da área central de Dourados.

⁷Trecho da entrevista realizada em março/2012 com Garibaldi Mattos, 88 anos, aposentado, morador da área central de Dourados.

atividades comerciais voltadas para um público de menor poder aquisitivo, através da localização de lojas de pequenas redes, renovando rapidamente o padrão ocupacional”. (p. 9)

Ainda para a autora:

Até meados da década de 70, as cidades brasileiras até um determinado porte tinham praticamente um centro único e monopolizador, com forte concentração de atividades comerciais e de serviços. O crescimento populacional destas cidades levava estas áreas centrais a um processo de expansão, através da absorção de áreas/setores limítrofes ao centro, através do afastamento de sua população residencial e a transformação de seu uso de solo em novas edificações adequadas ao comércio e/ou serviços. (SPOSITO, 1991, p. 09)

Na cidade de Dourados isso aconteceu e vem acontecendo também desde meados dos anos 1980, quando os moradores da área central da cidade passam a buscar outros bairros. Estas residências vão assumir outras funções, principalmente na área já citada – entre as Ruas Firmino Vieira de Matos-Hayel Bon Faker e Ruas Ponta Porã-Major Capilé. Nesses locais há, hoje em dia, estabelecimentos voltados à área da saúde (clínicas, laboratórios, consultórios), e outros serviços (imobiliárias, lojas de decoração, escolas de línguas estrangeiras, escritórios de advocacia e comércio em geral).

Esses eixos, de desdobramento da área central, nas áreas de uso residencial de padrão elevado, são destinados para uma certa clientela. Dessa forma é construída uma imagem de área de comércio seletivo e elitizado, como é o caso da área hoje ocupada por lojas como: Loja 775, OM Sport Wear, Berly, Polo Play, Maisa, dentre outras. Ainda podemos observar alguns locais que hoje funcionam como lojas de decoração – Mercato, Detalhes etc.

Percebemos, assim, a emergência de múltiplas formas de localização das atividades, produzindo uma centralidade socioespacialmente segregada. Além da redefinição das atividades no interior da cidade, percebemos outras dinâmicas ocorrendo, como é o caso, por exemplo, da necessidade de fluidez no trânsito, que torna cada vez mais imprescindível a expansão e/ou modificação das ruas e do modo de uso das mesmas.

A cidade passa a se redefinir a partir do uso do carro. Estacionamentos são criados em terrenos no centro da cidade, as ruas passam a ter nova

dinâmica, novos fluxos, o barulho aumenta, a qualidade de vida diminui. As imagens que seguem demonstram estacionamentos nas ruas da área central de Dourados, muitos desses estacionamentos eram residências ou prédios comerciais que foram demolidos, para dar lugar para o carro.

Vale observar que, o significativo número de estacionamentos existentes, reforça a prevalência do uso da rua pelos carros em detrimento do transporte público e coletivo.

Um dos entrevistados⁸ diz que o centro da cidade de Dourados já foi, um dia, um lugar calmo e pacato e que hoje é praticamente impossível ter uma noite de sono sossegada às sextas-feiras e aos sábados – dias da semana com maior concentração de pessoas no centro, a procura de lazer e diversão. Para ele, ainda, o que mais atrapalha é o fato de que a rua é só o lugar do carro: “não tem nem como ficar na frente de casa, é só carro”.

Atualmente percebemos que o uso das ruas é, de fato, ditado pelo uso do automóvel particular. Existem “regras” para se estacionar, paga-se por isso, existem semáforos, rotatórias, faixas, enfim, um aparato de “normas” que demonstram que o automóvel particular é capaz de modificar a configuração das ruas.

Nesse sentido, o centro urbano de Dourados passou e passa constantemente por transformações no que tange à forma e uso da rua a partir dos carros.

No intuito de tentar compreender como o poder público lida com as “exigências” dos novos tempos e fluxos, realizamos uma entrevista com a engenheira agrônoma, gestora de projetos urbanos da Secretaria de Serviços Urbanos da Prefeitura Municipal de Dourados. Nessa conversa foi possível perceber pontos importantes para identificar as novas estruturas que estão sendo criadas para assegurar que haja o predomínio dos veículos particulares nas vias públicas em detrimento do transporte público.

Recentemente observamos que ampliaram uma faixa de rodagem nas avenidas principais da cidade, como, por exemplo, a Avenida Marcelino Pires

⁸Trecho da entrevista realizada em março/2012 com Garibaldi Mattos, 88 anos, aposentado, morador da área central de Dourados.

que possuía três faixas de rodagem para os carros, hoje possui quatro, sendo uma para “estacionamento” e três para o fluxo. Percebemos também a colocação de novos semáforos onde antes existiam rotatórias. De acordo com a engenheira agrônoma da Prefeitura, as rotatórias tinham o escopo da “diminuição” da velocidade dos carros, porém com o semáforo, o trânsito tende a ter uma maior fluidez e ser mais rápido. Vale registrar que as rotatórias tinham floreiras e ornamentos que enfeitavam as ruas da área central. Alguns cartões postais da cidade retratam as rotatórias com suas floreiras.

Recentemente a Avenida Marcelino Pires (bem como outras ruas da área central) teve sua configuração modificada, implantando-se novas faixas de rodagem - antes eram apenas duas maiores – o que possibilitava uma melhor circulação de pedestres e ciclistas – e agora são três.

Também presenciamos recentemente, a retirada do calçadão que existia na Rua Dr. Nelson de Araujo, para abrir uma rua, permitindo maior fluidez dos veículos.

Conforme aponta Carlos (2007, p. 51):

A mudança nas relações espaço-tempo revela a profunda mudança nos costumes e hábitos sem que as pessoas pareçam se dar conta, pois as inovações são aceitas de modo gradual, quase despercebidas, embrulhadas pela ideologia que efetiva a degradação da vida cotidiana. A cidade onde tudo se transforma, onde os estilos se multiplicam passa a ser o lugar em que as pessoas “se arranjam para viver ou quem sabe sobreviver” criando constantemente, “formas de ganhar dinheiro”.

As ruas do centro da cidade são muitas vezes percebidas como o verdadeiro caos. Muitas pessoas evitam ir ao centro em “horários de pico”⁹.

Dependendo da hora do dia, ou do dia da semana, a observação de um determinado lugar vai mostrar um determinado momento do cotidiano da vida das pessoas que aí moram, trabalham, se locomovem. É o tempo da vida. Nas horas de pico, quando as pessoas saem de suas casas em direção aos pontos de ônibus para irem trabalhar, as ruas da cidade fervilham, os ônibus trafegam em maior número, os carros congestionam as vias públicas, e os caminhões entregam mercadorias, às vezes produzidas a grandes distâncias dos lugares de entrega. Um pouco mais tarde é o horário dos estudantes que fazem o percurso casa-escola. (CARLOS, 2009, p. 39)

⁹ Alguns entrevistados mencionaram “horários de pico” como sendo um momento do dia em que o movimento é mais intenso, sobretudo no trânsito.

Em consonância com o que descreve Carlos (2007), constatamos que muitas pessoas não percebem as mudanças ocorridas nas ruas. Muitas delas, só passam a realmente olhar para a rua, e vislumbrar as transformações, quando são indagadas sobre isso. “É verdade, não tinha reparado que tiraram aquela rotatória daqui. É que a gente passa tão rápido, nem dei conta.”¹⁰. Ou: “Eu só fui ver que demoliram aquela sapataria na semana passada, porque trouxe um sapato pra consertar, e dei de cara com a demolição.”¹¹

Aplicamos questionários para alguns pedestres e motoristas que se utilizam das ruas da área central de Dourados. Indagamos acerca do novo posicionamento das faixas de circulação nas avenidas centrais e da instalação dos novos semáforos que responderam ao questionário, Sobre a instalação dos novos semáforos na Avenida Marcelino Pires (nos cruzamentos das Ruas Melvin Jones, João Rosa Góes e Dr. Nelson de Araujo), a maioria das pessoas disse ser a favor das modificações impostas. Outras pessoas, porém, reclamam de algumas dificuldades que se colocam com as alterações, como por exemplo, a falta de placas indicativas e/ou informativas.

Podemos dizer, de acordo com pesquisas já realizadas, que tais alterações nas ruas de Dourados são resultado de um novo dinamismo introduzido pelo processo de agroindustrialização, como também de novas estratégias adotadas pelos agentes do setor de comércio e serviços.

Assim, as transformações ocorridas no espaço urbano são resultantes de mudanças relacionadas aos processos de reestruturação econômica e de diversificação do movimento agroindustrializador, mas é também reflexo de interesses, que tende a promover a ampliação do tecido urbano e produzir novas centralidades.

Para Silva (2000), há uma convergência de interesses entre o setor imobiliário e outros agentes comprometidos com a expansão da cidade e a “valorização” do solo urbano. Essa teia de interesses forma uma rede de relações que promovem a redefinição sociespacial.

¹⁰ Resposta de um pedestre questionado acerca dos novos semáforos na Avenida Marcelino Pires.

¹¹ Resposta de uma pedestre questionada sobre as ruas de Dourados e suas transformações no tempo.

Característica importante de ser salientada nessa relação é o frequente envolvimento do poder público. Gottdiener (1993) destaca que a identidade de interesses em prol do crescimento, que une os diversos agentes envolvidos nos negócios imobiliários, materializa uma rede que atravessa indistintamente a esfera privada e pública, irmanando-se em uma unidade de propósitos.

Para Silva (2000):

Essa unidade de propósitos entre os agentes estatais e os promotores urbanos, em Dourados, leva os representantes do poder público local a se engajarem na viabilização dos empreendimentos, oferecendo facilidades ou eliminando óbices que eventualmente se interponham no caminho do crescimento e da expansão dos negócios urbanos.” (p. 209)

A concentração de estabelecimentos comerciais e de serviços na área central de Dourados mantém correspondência com a forma de uso dessas ruas.

Na Avenida Weimar Gonçalves Torres há uma concentração de estabelecimentos comerciais especializados, como, por exemplo, as lojas de grifes – Valisière, Arezzo, Ellus, Carmen Steffens, Lilica Ripilica, dentre outras. Outras atividades também são encontradas nana referida avenida, como, por exemplo, atividades profissionais e técnicas – escritórios de advocacia, assistências técnicas para computadores, dentre outros.

Durante o dia, os frequentadores dessa avenida geralmente dirigem-se aos estabelecimentos comerciais e de serviços que ali existem. Já no período noturno, a avenida passa a ter outro uso. Ali é também a área que concentra certo número de lanchonetes e restaurantes, como, por exemplo, o Kikão Restaurante (um dos restaurantes mais tradicionais da cidade), Restaurante Boa Brasa, Subway, Chandon, Yakissoba Sobaria, dentre outros.

Já na Avenida Marcelino Pires, encontramos a maior concentração de comércio popular – Loja A Barateira, Combate Confeções, Lojão da Economia, Foz Center, dentre outros – e também um elevado número de lanchonetes e sorveterias. Durante o dia observamos que a circulação de pessoas se dá de maneira mais intensa que no período da noite, momento este em que apenas as sorveterias e algumas lanchonetes funcionam.

Na Avenida Joaquim Teixeira Alves há estabelecimentos comerciais e de serviços, como também agências bancárias. Durante o dia, a avenida é bastante frequentada devido a esta concentração de atividades, porém, a noite, é conhecida por ser área de prostituição. Assim, “[...] o fluxo de carros já não é tão intenso nesse horário como é durante o dia, porém os carros que passam, em sua maioria, desaceleram para poderem enxergar melhor os travestis, como se eles fosse algum tipo de atração.” (MUSCULINI, 2009, p. 31-32)

Nas ruas João Rosa Góes e Firmino Vieira de Mattos percebemos, conforme já apontado, além da concentração de serviços da saúde (clínicas médicas, laboratórios de análises clínicas, hospitais, farmácias de manipulação etc), a presença de dois Hospitais (Santa Rita e Hospital do Coração), que atendem não apenas a pacientes residentes em Dourados, como também de cidades vizinhas. No trabalho de campo observamos que algumas vans de prefeituras de cidades como Deodápolis, Ivinhema, Glória de Dourados, dentre outras, estão constantemente vindo à cidade de Dourados para trazer pacientes a estes hospitais.

Sendo assim, a concentração de determinados tipos de atividades imprimem diferentes formas de uso das/nas ruas da área central de Dourados. Mas precisamos estabelecer outros fatos que ocorrem na área central de Dourados, e que é como coexistem os novos usos com as persistências dos/nos lugares. No próximo item destacaremos as permanências que encontramos no decorrer da pesquisa, e como se dão nas/das ruas da área central.

OS NOVOS USOS DAS/NAS RUAS E AS PERSISTÊNCIAS/PERMANÊNCIAS

Neste momento, um desafio desponta: como pensar os novos usos da rua e as persistências e/ou permanências?

Em cada momento histórico, a cidade assume expressão e sentido diferentes, mas devemos sempre ter em mente que ela mesma é acumulação de tempos. Esses tempos – passado e presente – entram constantemente em conflito: ideias, formas, métodos de se pensar a cidade, de vivê-la. Carlos

(2007) salienta que esses conflitos tendem a destruir os referenciais urbanos, e que essa destruição é produto da rapidez com que a morfologia se transforma, redefinindo a prática socioespacial.

Como já dissemos anteriormente a cidade, as ruas recriam suas formas a partir do uso do carro, da velocidade exigida por ele (exigida pelo modo de produção). Isso fica claro na fala da engenheira da Prefeitura Municipal, quando indagada sobre as alterações das/nas ruas da área central: “o trânsito precisa fluir”¹²

Conforme aponta Carlos (2007, p. 66):

A cidade produzida como negócio, aparece através do modelo da cidade do automóvel priorizando o espaço vazio da circulação onde o primado do transporte individual se impõe com força, revelando as possibilidades da construção da ‘cidade enquanto vias expressas’, símbolo da modernidade. Nesse contexto, o espaço público se transforma – esvaziando-se de sentido porque limita e coage os modos de apropriação –, o uso das ruas, por exemplo, modifica-se profundamente e elimina os pontos de encontro e, com isso, rompe as possibilidades do próprio encontro, enquanto a expulsão de parte dos moradores e a mudança de funções das construções (residências que se transformam em pequenos negócios de prestação de serviços, ou mesmo estacionamentos) rompem com as antigas relações de vizinhança, propiciando a perda da sociabilidade. O esvaziamento do sentido e das possibilidades de apropriação dos espaços públicos assinala a construção dos espaços semi-públicos em substituição à rua.

Foi-nos relatado também que, pela pressão feita pelos comerciantes/empresários da cidade, a tendência é que as avenidas “perderão” boa parte de suas árvores, uma vez que elas “atrapalham” a visibilidade das fachadas dos estabelecimentos. Outra questão que modifica incisivamente o centro da cidade é a pavimentação¹³ de alguns canteiros centrais, também com pressão por parte do mesmo setor econômico – serviços, comércio – que “precisam” de estacionamentos para sua clientela. “O cliente quer parar na porta da loja e descer, ele não quer ter o trabalho de andar”.¹⁴

Também foi relatado que existem projetos que pretendem transformar toda a avenida principal da cidade – Avenida Marcelino Pires – em um local

¹² Trecho da entrevista realizada em abril/2012 com a engenheira da prefeitura.

¹³ Impermeabilização dos canteiros centrais das ruas da área central de Dourados foi uma medida tomada pela administração pública para aumentar o número de estacionamentos. Muitos canteiros que antes eram gramados, hoje estão pavimentados.

¹⁴ Trecho de entrevista realizada em abril/2012 com a Engenheira da Prefeitura Municipal de Dourados.

sem nenhuma árvore, com seu canteiro central sendo diminuído significativamente, em cerca de 1 metro de cada lado, para a acomodação de um “corredor de ônibus”, pois a atual localização de alguns pontos de parada de ônibus incomodam os lojistas/empresários¹⁵.

Diante o fato relatado, perguntamos a alguns comerciantes/lojistas, o que os mesmos achavam, tanto das árvores que estavam em frente aos seus estabelecimentos, como também da localização de algumas paradas ou pontos de ônibus.

A maioria dos comerciantes que entrevistamos disse que as árvores atrapalham, além de “sujar” suas calçadas, e com relação aos pontos de parada de ônibus, disse que não é esteticamente atraente para as lojas. Alguns, porém, disseram que o ponto de ônibus, de certa forma, contribui com o faturamento da loja, uma vez que os passageiros ficam em frente ao estabelecimento e, muitas vezes, adentram para consumir.

Quando soubemos, pela engenheira da Prefeitura Municipal, que o projeto em questão – corredor de ônibus – poderia vir a ser aprovado e concretizado, indagamos acerca dos pedestres. Nossa preocupação foi a de que, com o corredor de ônibus, o tráfego tende a tornar-se mais fluído e rápido, daí nosso questionamento. A engenheira respondeu-nos: “Que pedestres? Para a dinâmica que vivemos, não existe pedestre, existem os carros, vocês não perceberam que com a adição da terceira faixa de rodagem na Avenida Marcelino Pires, não existe mais onde os ciclistas andarem? Eles precisam brigar, junto com os carros, por um espaço, correndo o risco de serem atropelados.”

Vale registrar que em meados dos anos 1970, o então prefeito mandou cortar todas as árvores que existiam na Avenida Marcelino Pires. Foi nessa época, também, que a praça central da cidade - Praça Antonio João - foi totalmente remodelada, perdendo os referencias que outrora serviram de identificação a muitos moradores. “A praça? Era uma coisa, de repente era

¹⁵ Atualmente, os pontos de ônibus estão alojados em frente aos estabelecimentos comerciais da cidade.

outra, não tinha mais a fonte do jeito que a gente conhecia, ficou diferente. Parece que pegaram uma praça de outra cidade e colocaram aqui.”¹⁶

No mesmo sentido, a Engenheira da Prefeitura Municipal¹⁷ ressaltou que:

Foi um projeto de um arquiteto de fora, que não tinha nada a ver com a cidade, nem nunca tinha estado aqui. Trouxeram plantas que não eram daqui, enfim, foi tudo remodelado, não sobrou uma árvore sequer pra contar história. Depois disso, a praça teve outra função. Esse arquiteto utilizava arbustos baixos, algumas árvores que davam um tom bucólico à praça, tornando-a meio escura. Tanto é que a praça deixou de ser o grande atrativo como costumava a ser. Na época da administração do prefeito Braz Mello¹⁸ a praça passou por nova revitalização, mas não houve a modificação radical de sua paisagem, o intuito, naquele momento, era tornar a praça mais agradável e aberta para a população. Em 2010, a praça passou por nova remodelagem, outra radical reforma fez com que, novamente, a praça fosse totalmente reconstruída.

Abaixo, a partir de imagens, percebemos as transformações ocorridas na praça central da cidade (Praça Antonio João). Na Foto 1, em meados dos anos 1940, vemos a praça central cercada por um muro, as ruas ainda sem pavimentação asfáltica e poucos prédios ao redor. Na Foto 2, da década de 1950, visualizamos algumas charretes paradas no ponto principal que localizava-se na Praça Antonio João.

Foto 1 – Praça Antônio João – 1940



Foto 2 – Praça Antônio João – 1970



Praça Antônio João - década de 1940. MOREIRA(1990). Praça Antônio João - década de 1970. Autor desconhecido.

Outro entrevistado relata acerca da praça central que:

¹⁶Trecho de entrevista realizada em março/2012 com Marta Andrade, 67 anos, cozinheira, natural de Dourados-MS.

¹⁷Trecho de entrevista realizada com a Engenheira Agrônoma da Prefeitura Municipal de Dourados.

¹⁸ Administração da Prefeitura Municipal entre os anos 1989 a 1992 e 1993 a 1996.

A praça sempre foi ali onde é hoje, desde eu criança eu lembro da praça ali, e a igreja (Catedral Imaculada Conceição) também. Mas naquela época, era só um campinho de futebol, ninguém usava ela pra lazer. A praça era fechada de arame. Naquela época era só mato, cheio de cupim. A gurizada jogava bola ali. [...]Tinha carro, mas pouco. A maioria andava a cavalo, ou carroça. Depois também teve charrete. Tinha até ponto de charreteiro, lembro de um que ficava na praça. Eu trabalhei de charreteiro uma época. Mas aí foi acabando tudo. O carro foi chegando, foi acabando. Antes era ruim, era chão. Eu cheguei um tempo a trabalhar assim, com carro, jipe, transportando as pessoas.¹⁹

Fica claro, a partir desse depoimento, que os usos das/nas ruas da área central de Dourados, mudou. A praça era apenas um campo de futebol, usada por crianças e era fechada por muros/cercas. Nessa época também não havia muitos carros e as pessoas costumavam andar a cavalo, carroça e até mesmo a pé. A praça foi, também, o principal ponto de charretes da cidade, que, com o passar do tempo, foi perdendo a importância.

No depoimento a seguir podemos perceber outros usos da/na praça central da cidade: “Costumava ir à praça aos domingos, tinha uma fonte e a gente ficava lá. Naquele tempo existia a paquera, o pipoqueiro e as quermesses”.²⁰

Nas imagens abaixo, ainda da Praça Antonio João, podemos perceber as mudanças em sua configuração. Em meados de 1970 ainda existia a fonte, uma grande quantidade de bancos e calçadas onde as pessoas circulavam. Já em meados dos anos 1980, a praça foi totalmente remodelada, dando lugar a novos equipamentos: uma fonte diferente, maior número de árvores e menos bancos. A praça também passou a ter uma área para eventos maiores e iluminação com “super-postes”.

¹⁹Trecho da entrevista realizada em março/2012 com Garibaldi Mattos, 88 anos, aposentado, morador da área central de Dourados.

²⁰Trecho de entrevista realizada em janeiro/2012 com Rosana Chencarek, 48 anos, professora da rede estadual de ensino, natural de Dourados-MS.

Foto 3 – Praça Antônio João – 1980



Praça Antônio João, década de 1980.²¹

Foto 4 – Praça Antônio João - 2012



Praça Antônio João – 2012.²²

A própria redução no número de bancos para sentar pode ser um indicativo da mudança de uso da praça. Na Foto 4 apresentamos a praça após a reforma

As novas relações tendem a imprimir sentidos diferentes daqueles que até então estavam estabelecidos, bem como podem causar estranhamento nas pessoas que vivem e fazem dessas áreas, os seus lugares.

Não foi incomum percebermos, nas falas de alguns entrevistados, que sentiam falta de algo que não mais se vive, e que se viveu em determinado momento. Alguns demonstraram sentir saudades de um tempo que ficou apenas na memória. “Dourados cresceu, não é mesmo? Eu nem sei mais quem são meus vizinhos, e olha que já tive muitos e eram amigos. Meus filhos brincaram nessa rua, minhas meninas desfilaram o 7 de setembro na Avenida Marcelino Pires quando ainda era de chão. Acabou tudo isso. Mas é a vida²³.”

Conforme aponta Carlos (2007, p. 64):

O tempo irradiado pela técnica vira velocidade, enquanto o espaço se transmuta em distância a ser suprimida. Nesta condição, espaço e tempo, tornados abstratos, se esvaziam de sentido produzindo uma nova identidade cidadão-cidade pontuada pela constituição de uma identidade abstrata como decorrência da perda dos referenciais, do empobrecimento das relações sociais e como imposição do desenvolvimento do mundo da mercadoria definida pelos parâmetros (atuais) da reprodução do capital.

Em conjunto com a velocidade e dinamicidade, essas novas formas racionais e técnicas penetram no cotidiano, limitando não só nosso poder de

²¹ Foto retirada do Anuário da Prefeitura Municipal de Dourados de 1985.

²² Foto da Praça Antônio João. Disponível em: <http://www.dourados.ms.gov.br>.

²³ Trecho de entrevista realizada em abril/2012 com Luiza Moreira, 70 anos, aposentada, moradora da área central de Dourados-MS.

escolher, como também de pensar. Carlos (2007, p. 64) ainda aponta que “a sucessão de acontecimentos parece envolver a vida cotidiana em um turbilhão de sensações desconexas.”

As relações entre o habitante e o lugar na cidade passam a ser estranhas, como se a vida fosse determinada por um elemento além da vontade humana, que segue sem questionamentos. Os sujeitos passam a ser meros consumidores, os lugares passam a ter a paisagem ditada pela modernidade, o que caracteriza o progresso, as novas formas: *outdoors*, *neon*, bilhos e cores. O espaço passa a ser homogêneo ao mesmo tempo que é fragmentado e hierarquizado, que produz os novos lugares da cidade com o estabelecimento de uma nova divisão socioespacial do trabalho.

Neste contexto, assistimos à constituição de novas centralidades e o esvaziamento de outras, em função dos novos usos como consequência das mudanças nos setores econômicos. Esse processo, que se realiza de forma concentrada no espaço como uma expansão do centro tradicional, cria uma nova aliança entre o Estado e os setores privados da economia, pois é necessário planejar o espaço para a realização destas novas atividades. (CARLOS, p. 65-66)

Essas transformações geram novas formas que redefinem o fluxo nas e das ruas, que vão gerando, não apenas centralidades diferenciadas em função do comércio, serviços e lazer, mas também mudanças nas relações de vizinhança, conforme apontado por alguns entrevistados.

Isto posto percebemos que o esvaziamento transforma o local, onde se desenvolve a vida de relações, em mera passagem. O cotidiano passa a ser normatizado com a simples instalação de um novo semáforo. As transformações, com toda a sua complexidade, tendem a imprimir a segregação, fragmentando e homogeneizando. Para Carlos (2007, p. 68) este é um novo momento

[...] de realização da produção, em que a indústria muda de sentido, à medida em que os processos que envolvem sua reprodução se transformam deslocando-se no espaço e cedendo lugar para novas atividades agora voltadas para o desenvolvimento de novos setores da economia exigindo uma nova relação entre o econômico e o político, principalmente no que se refere aos modos de planejar o espaço enquanto condição da reprodução destes novos setores econômicos.

Apesar de todas essas transformações, ditadas pela nova ordem da modernidade, da velocidade, da dinâmica fluente, existe aquilo que podemos chamar de permanências e/ou resistências. Isso existe, até mesmo porque as relações não se reduzem à lógica restrita da reprodução da força de trabalho, “a sociedade não se resume a esta função, mas ao plano do espaço urbano enquanto totalidade.” (CARLOS, 2007, p. 68)

Em algumas ruas centrais da cidade, inclusive na Avenida Marcelino Pires, foi possível constatar que essa “permanência” existe e que resiste. É o caso, por exemplo, da Casa Ono, uma mercearia que existe desde a década de 1940 na cidade.

Ao redor da mercearia não existe outro comércio semelhante. Todos mudaram suas fachadas e hoje são mais modernas e mais visíveis. Porém, a Casa Ono continua com a mesma configuração que tinha quando iniciou suas atividades. De acordo com um entrevistado, entrar na Casa Ono “[...] é voltar no passado. Sinto-me como se tivesse entrado numa cápsula do tempo e não estou vendo nenhum computador, nenhum objeto que me lembre os dias atuais”.²⁴

Também há o caso do Sr. Mário Eto, que possui uma mercearia na Rua Dr. Nelson de Araujo (no antigo calçadão). Tivemos a oportunidade de entrevistar este senhor que resiste, persiste num local que está fadado a ser tomado pela lógica da fluidez. “Aqui já foi bom, hoje em dia claro que não tenho como competir com os grandes supermercados, mas ainda vendo uma coisinha aqui, outra coisinha ali. Geralmente para os donos de lojas vizinhas”.²⁵

Essa mercearia também tem no seu entorno, lojas com fachadas modernas, luminosas, outdoors. O comércio do Senhor Mário Eto, que mora nos fundos da mercearia, também desafia a chamada modernidade.

A mercearia do Senhor Mário Eto, assim como a Casa Ono revelam que a realidade não se reduz à lógica econômica.

²⁴ Trecho de entrevista realizada em outubro/2011 com Eduardo Toledo, 36 anos, servidor público estadual, residente em Dourados desde 1998.

²⁵ Trecho da entrevista realizada em 14/10/2011 com Mário Eto, morador e comerciante da área central, desde 1985.

As relações sociais ditam a produção espacial. Tais estabelecimentos demonstram que a produção espacial não se reduz à tendência da constituição da cidade como valor de troca, mas a cidade como obra realizada pelo homem. Carlos (2007), observa que este é o plano do cotidiano, isto é, uma construção social.

Algumas falas de entrevistados, expressam uma relação de identidade com o lugar: “Amo Dourados, é aqui meu lugar. Não me vejo morando em nenhum outro lugar. Minha vida é aqui: família, trabalho, amigos”²⁶.

Carlos aponta que

[...] a sociedade se organiza a partir de modos de morar, de se relacionar, de criar, o que envolve lutas e conflitos diante da constituição de uma programação da vida em meio a coações e repressões em um espaço planejado e controlado.” (2007, p. 69)

Assim, há uma lógica coercitiva, mas também da liberdade, haja vista que os lugares têm formas delineadas pelas relações sociais, pelas possibilidades e limites à apropriação. A análise não pode se restringir ao plano econômico, que não explica tudo.

Conforme salienta Carlos (2007), o processo de mundialização que vivemos atualmente não apaga o local, mas sim reafirma-o, pois ele se realiza “no lugar onde a tendência de constituição de um espaço homogêneo entra em contradição com o espaço fragmentado”. (p. 69)

Ainda para a autora, as diferentes e muitas formas de comunicação entre espaços e pessoas tendem a produzir novas relações, estas que por sua vez podem entrar em conflito com antigas relações, e é nessa contradição que o espaço é produzido.

Apesar da tendência ser aquela da “modernização” dos lugares, ainda podemos perceber que há os que persistem, como as mercearias nas ruas da área central de Dourados, ou ainda as residências que permanecem.

É notório que vivenciamos um momento de aceleração do tempo, com mudanças rápidas e sentidas/reveladas na morfologia da cidade, modificando também a vida, através da imposição de novos padrões e formas, colocados

²⁶Trecho de entrevista realizada em janeiro/2012 com Rosana Chencarek, 48 anos, professora da rede estadual de ensino, natural de Dourados-MS.

por um novo modo de apropriação do espaço urbano. “A perda dos referenciais urbanos decorrentes do processo de renovação como imagem do progresso, transforma a cidade em um instantâneo e torna a sociabilidade cada vez mais efêmera” (CARLOS, 2007, p. 70).

Necessário se faz justapor a relação espaço-tempo, buscando dessa forma, as suas devidas articulações. Só dessa maneira será possível perceber e pensar a cidade, verdadeiramente, com sentido.

Percebemos as permanências e resistências, apesar de todas as mudanças no uso das e nas ruas da área central de Dourados. Seja o malabarista no semáforo ou o vendedor de ervas medicinais, com seu carrinho, na praça central. Também podemos perceber as permanências a partir das imagens a seguir.

Na Foto 5, vemos dois momentos das/nas ruas da área central de Dourados. Momentos diferentes, porém, situações idênticas: o Desfile de 7 de Setembro. Na foto de meados de 1950, o desfile acontece na rua ainda sem pavimentação asfáltica e, já em 2011, a rua encontra-se asfaltada. O evento é o mesmo, só muda as configurações da rua.

Foto 5 – Desfile de 7 de Setembro



Desfile de 7 de Setembro na Rua João Cândido da Câmara em meados de 1950. Fotos: 1) Anuário da Prefeitura Municipal de Dourados, 1985 e 2) disponível em <http://www.msja.com.br> (2011)

Outros estabelecimentos comerciais persistiram nas ruas da área central. É o caso da Farmácia Popular, da loja A Ferragista, Casa Ono, Banca do Jaime, dentre outros prédios que ainda possuem a mesma configuração de quando foram construídos, inclusive algumas casas de madeira, apesar do seu uso não ser mais o mesmo. Isso revela que o novo e o velho, o moderno e o

antigo, convivem. Há também algumas residências que resistem às novas formas de uso da rua.

Os lugares das/nas ruas da cidade se criam e recriam, se renovam e se modificam a cada movimento social. Mas também não podemos reduzir todas as transformações das/nas ruas a um mero querer do dominante processo de globalização capitalista. Conforme aponta Queiroga (2003), “as ações humanas não são movidas apenas pela razão instrumental”. (p. 137)

Conforme já elucidamos, o plano do econômico não explica toda a realidade, as relações não podem ser reduzidas aos rápidos e dominantes processos da globalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber e compreender, a partir da pesquisa, que as novas lógicas impõem modificações das/nas ruas da área central da cidade, fazendo com que as pessoas deixem de ter os costumes antigos, como caminhar a pé, ou utilizar as bicicletas como um meio de transporte, e passem a vivenciar dificuldades até mesmo para se locomoverem. As ruas agora são (re)configuradas para o uso dos veículos particulares. As calçadas transformam-se em verdadeiros depósitos de mesas, cadeiras e gôndolas de restaurantes, lanchonetes e lojas de variados segmentos, tornando assim, a passagem do pedestre mais difícil.

Novas tendências, novos usos e novas formas de apropriação dos lugares, são dinâmicas atuais e que nos dirigem a viver de acordo com o que está imposto: rapidez, agilidade, fluidez, praticidade, etc.

Necessário salientar, porém que apesar de vivermos hoje em lugares vulneráveis à influência de um mundo mais amplo, ainda existe a resistência oferecida por cada um desses lugares. Essas resistências que permitem a diferenciação do lugar. Ainda existem os pipoqueiros, os carrinhos de cachorro quente, os vendedores ambulantes de mercadorias diversas nas ruas da área central da cidade. Coexistem, perante essa nova dinâmica das cidades, as atividades consideradas de outros tempos, como, por exemplo, as mercearias, os sapateiros, os engraxates. Poucos, mas ainda resistem à nova lógica global.

Assim, a rua é usada e transformada a todo instante, seja por determinações de ordens distantes, como também por formas de uso que fogem a essa lógica.

Por considerar que o plano do econômico não explica tudo, além de analisar as ruas como concentração de população, de produção, de atividades e serviços e de mercadorias, precisamos também analisá-las a partir do cotidiano, que é o centro do acontecer e do fazer. É no dia a dia, com os fazeres e viveres que a resistência à lógica imposta é exercida, fugindo, assim, do processo homogeneizador dos lugares.

A pesquisa nos proporcionou, principalmente, e para contemplar o que pretendeu-se elucidar neste texto, perceber que há várias dinâmicas impostas aos lugares. A rua, por ser o lugar do encontro, do comércio, da reivindicação, da festa, da passagem, do trabalho, dentre outros, está suscetível às transformações, pois elas advêm com o passar do tempo. Mas pode também estar implícita a persistência no simples ato do pipoqueiro alocar seu carrinho na praça central. Ou seja, existem resquícios de atividades que hoje são consideradas antigas, mas que persistem no tempo/lugar.

REFERÊNCIAS

CALIXTO, Maria José Martinelli Silva. **O papel exercido pelo poder público local na (re)definição do processo de produção, apropriação e consumo do espaço urbano em Dourados-MS**. Presidente Prudente, 2000. Tese (Doutorado em Geografia) – UNESP.

_____. **Produção, apropriação e consumo do espaço urbano: uma leitura geográfica da cidade de Dourados-MS**. Campo Grande: EdUFMS, 2004.

CALIXTO, Maria José Martinelli Silva (org.). **O espaço urbano em redefinição: cortes e recortes para a análise dos entremeios da cidade**. Dourados: Editora da UFGD, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **A (re) produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.

_____. **O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: contexto, 1996.

_____. **Espaço-tempo na metrópole**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labor Edições, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**. Rio de Janeiro, 2000, ano V, nº 9, p. 65-83.

FERREIRA, Willian Rodrigues. **O espaço público nas áreas centrais: as ruas como referência**. São Paulo, 2002. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 1993.

MOREIRA, Regina H. Targa. **Memória fotográfica de Dourados**. Campo Grande: Editora UFMS, 1990.

MUSCULINI, Elaine Cristina. **Dos Territórios aos Espaços Vividos: A Multiterritorialidade dos Fazeres e Viveres na Avenida Joaquim Teixeira Alves em Dourados-MS**. Dourados, 2009. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados.

ROMERO, Hamilton. **O papel do Shopping Avenida Center no processo de redefinição da centralidade urbana em Dourados – MS**. Dourados, 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 1994.

_____. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 1996.

SANTOS, Carlos Nelson F. **A cidade como um jogo de cartas**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1985.

SILVA, Mário Cezar Tompes da. **Os novos rumos da política habitacional e o processo de urbanização de Dourados**. São Paulo. 2000. Tese (Doutorado em Geografia) – FFLCH/USP.

SILVA, José Borzacchiello da. Planejamento urbano e crise das cidades. **Revista Terra Livre**, São Paulo, v. 1, n. 30, p.53-78, 2008. Ano 24.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A urbanização no Brasil**. São Paulo: CENP, 1983.

_____. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo:Contexto, 1988.

_____. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Revista Geografia** 10: 1-18. São Paulo, 1991.

_____. A cidade e seus territórios. In: **Anais do 5º Congresso Brasileiro de Geógrafos**, Curitiba, 1994, p. 175-179.

_____. Reflexões sobre a natureza da segregação espacial nas cidades contemporâneas. **Revista de Geografia**, Dourados, AGB, n. 4, p.71-85, 1996.

_____. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. **Revista Território**, São Paulo, n. 4, p.27-37, Ano 3, 1998.

Recebido em: 28/09/2013

Aceito para publicação em: 31/05/2015